

## O ANALFABETO ALTRUÍSTA

Em teu instinto perturbador,  
visando teu próprio paraíso...  
Com minha ação de antagonismo,  
tentei quebrar teu egoísmo.

Por isso, fui propositivo:  
vista-se de Tírésias,  
pratique o altruísmo  
e enxergue as controvérsias.

As religiões pregam o amor,  
mas tua mente aldravada  
Só fez disseminar a dor.

Amar é verbo intransitivo,  
mas você era analfabeto.  
Por isso, morreu Narciso.

AUTORIA: MARIA LUISA FUNES

## O OUTRO

No encontro com o outro  
Marcado pelo egoísmo que há  
É a ausência de reconhecimento  
A diferença que não me deixa aceitar  
É coisa para se pensar

Este instigante desencontro, grosseiro e ofensivo,  
onde não há relação, pouco menos consideração.

Marca a exclusão do outro  
Nesta sociedade que abraça a exclusão  
É coisa para se pensar

Difícil é se aproximar do diferente  
De conceber o outro em si  
Se deve pensar que há vida e liberdade  
Aquilo que pode ser comum a mim  
É coisa que precisa apoiar

É fazer a experiência de conviver  
No contato, e no diálogo,  
Que amar e respeitar depende de você  
Aceite, se aproxime e veja  
É na convivência que se pode amar.  
É coisa para se pensar

O outro marcar profundamente  
Da própria imagem como reflexo  
Da alteridade, siga em frente  
Acolhendo o outro a ser respeitado  
Não abrace a exclusão que nos deixa separado.  
É coisa para se apoiar

Amor e respeito, é você que pode dar  
Não é ser igual, mas na condição de humano  
Da natureza de Deus nossa própria imagem  
A conceder ao homem liberdade  
É coisa para se viver.

AUTORIA: DIEGO COSTA AZEVEDO – FACULDADE VICENTINA



## POEMA EM TRÊS TEMPOS

(Este, aquele e aquele-outro)

### I

À sua maneira, feito de verdade,  
Lida com regras e protocolos –  
Sabe bem a exata medida das coisas!  
No alongar das horas, antecipa paroxismos  
E fecha os olhos do crepúsculo...  
Depois de jantar as certezas do mundo,  
Morde a língua com um gole de metafísica.  
Cheio de vontades, liquidifica a filosofia  
E coloca Schopenhauer de cabeça pra baixo.  
Promessas? Simpatia? Não. Razões de sobra!

### II

Do outro lado, os hiperbóreos...  
Esquecidos pelos deuses da moralidade,  
Nunca se perguntam sobre o preço do prazer –  
Oferecido em leves prestações!  
E por conta da semiótica, desrealizam...  
Enxergam somente o que lhes interessa  
Revelado na fugacidade do gesto.  
São livres! Dionisíacos e igualmente loucos!  
Banham-se de pecado na águas do Aqueronte  
E esgotam a paciência de Caronte.

### III

Além do que seria e do que ainda pode ser,  
Pertencço ao acaso. Sou um panfletário!  
Reclamo sua atenção em tom de deboche.  
– Chegar a algum lugar é um erro  
Que não se pode reparar sem olhar para trás.  
E como nada sei sobre o dia seguinte,  
Tragam-me as interrogações, por favor!...  
Conclusões são sempre arriscadas.  
Receio explicações, arranjos de palavras  
Como motivos para endireitar o mundo.

## LIMITES

Um braço  
é curto, já dois  
e se forem três ou ...mais?

Um passo  
é pouco, já dois  
e se forem três ou... mais?

O mar  
o barco  
aqui e acolá, o cais.

A porta  
a janela  
varais daqui e de acolá.

O dentro  
o fora  
os quintais.

Um  
Outro  
Outros mais.

## OS VEIOS

Dizem a mim “o fundo do poço te esperas  
E verás lá como é preto feito carvão”

E eu me pergunto se haveria de ser de outra cor  
Já que os veios da tua mina estão recobertos de hulha.

Dizem a mim “não desças!  
Desabarás sobre ti”

E eu me pergunto o quanto o revestimento de madeira  
De tuas galerias ainda aguentam.

Dizem a mim “é muito úmido,  
Voltarás com os pés lamacentos”

E eu me pergunto se não há um  
Equívoco,

Já que daqui de onde te olho,  
Não é difícil ver os lampejos  
De tuas brasas ardendo.

Não há nada mais belo  
Que o calor dos veios do coração humano,  
E como um inseto preparando a casa  
Para o inverno, que brada de cólera,  
Quero britar tuas paredes de xisto  
E guardar meu quinhão para julho.

## O EU- MULTIDÃO

“Eu-multidão” a rodear, borbulhando  
ao envolto do ermo de nossas existências,  
impele-nos ao contato, ao conflito  
nos atrai.

É difícil de se soltar.  
Desprender-se, nunca mais.

Manter-se longe, no ermo.  
Insular-se.

É como, gradativamente,  
definhar-se.

“Eu-individual” foge, sorrateiramente,  
se desvanece, sempre mais.  
Concavidade, sem enchente  
ressequida, atingida.  
É, falta de gente.

Requer colonizar  
sem guerra e espelhos  
ilhas de um mundo espesso,  
sem interesses  
sem medo.

Sem soslaio, mirar.  
De esguelha, nem o preconceito,  
Tecer, de lado a lado,  
as fissuras da ofensa,  
um abatido espaço deixado,  
no tempo.

Prendendo-se,  
não obstante, luzindo  
a liberdade do “nós”.  
A marca da gente.

## O ANTROPÓLOGO

Pense no todo que é o universo  
Começando por você até os extremos estrelados  
Galáxias, planetas, estrelas e vida  
No cosmos escuro e iluminado

Cantam à noite por suas estrelas  
Milhares de corações apaixonados  
Brincam entre a diversidade de flores  
As crianças em seus cavalos alados

Cachoeiras que aspergem vida  
Dando a terra tons de verde ao redor  
Prédios de diferentes tamanhos  
Que veem os manequins vivos falando do calor

Quanta diversidade na natureza  
Nas galáxias, vegetais, minerais e animais  
Além dos prédios e nas obras de arte  
Também nos homens que não são iguais  
Alegram-se os antropólogos altivos  
Com um objeto de investigação tão instável  
Que se mudou no tempo e no espaço, línguas, culturas e credos  
Manifestou-se os homens de modo incontável

Ousado é aquele que aqui escreve  
Por meio de tantas palavras, penetrando as mentes  
Deixando nas entrelinhas do pensamento  
O valor intrínseco dos outros existentes

Dançam os homens demonstrando a beleza  
Que a mão criadora lhes deu  
Refletem eles cansados das jornadas  
Naqueles que participam dos sonhos seus

Há, também os choram seus amores proibidos  
Por divisão de classes, gêneros, cores e distancias  
Mas ninguém escapa do vibrar e morrer  
Do optar e receber as conseqüências

Por fim de minhas loucuras, a as diferenças  
Igual idiomas e como homens e suas classificações  
Ainda que possuam uma estrutura lógica comum  
Falam das mesmas coisas de modos divergentes

E me escusando de todas as anteriores ousadias  
Conflitos de intolerância sobre a diversidade  
Talvez sejam uma má compreensão dos fatos  
Pois o homem normal, qualquer, busca a felicidade.

AUTORIA: FREI KATER VINICIUS DOS SANTOS – FACULDADE VICENTINA

## ESTE É O MUNDO

Nós vivemos como um bando de esqueletos feitos de espaços vazios  
e inseguranças, perdendo uma parte original de nós, todo dia;  
se afogando num oceano de vida.

Acreditando que tudo com que sonhamos  
está mais perto do que imaginamos  
mas nunca conseguiremos alcançá-los,  
nunca conseguiremos realizá-los.

Perdidos no caos de um mundo de ódio,  
em que a dor é maior do que o amor  
e o respeito, tão perfeito,  
é menos valorizado do que infames defeitos.

Presos num mundo repleto de muros,  
com fronteiras e corações cercados.

Presos à um mundo onde ajudar  
é menos importante do que ganhar.

A imaginação é um dos refúgios  
para os solitários e os despreparados;  
para aqueles que não conseguem acompanhar  
o ritmo frenético dessa vida, sem parar.

O injusto deste mundo  
que justamente o imundo, tanto de alma como de coração,  
que tem sua própria coroação.

A vida é uma prova de resistência  
que continua por toda a Existência.

## O OUTRO

O outro procura alguém.  
Alguém que te faz bem,  
Para viver o que tem,  
Em busca do além.

Na tristeza do que não tem,  
Desespero há não! Não ajuda ninguém.  
Vejo tudo ao meu redor,  
E nada me faz melhor,  
Do que buscar com o meu suor o sentido de não viver só.

A vida é solidão,  
Daqueles que não tem perdão,  
Perdão daqueles que tem,  
Que aquece o coração.

O meu próximo é o meu irmão,  
Pensamentos, atos e gratidão,  
Três conceitos, ideias, mas um só é o coração,  
Daqueles que unidos forma uma só nação.

Mesmo sorrindo! Mesmo chorando!  
O que importa e que você chegou,  
Naquilo que você nunca imaginou,  
Que um dia encontrou.

## ASSIMETRIA DO OUTRO

Descobri ontem  
um desejo de Ser

Hu

ma

no.

Tentei disfarçar-me de homem,  
De branco, de rico e político – Não pude.

Minha pele é amar-ga,

Meu sexo é frágil, e

Meu bolso rasgado

não se

gura

car

tã

o.

Descobri ontem  
uma tristeza tão forte

Que gente nasce, gente morre

e a paisagem

e a cova fria

são iguais na alegria e na solidão.

Descobri hoje

A cegueira alastrada

\* Que não vê minha carne, cortada

É a causa de discriminação.

E que – por isto! – Eu

Não existo

Sou invisível, na minha condição.

Descobri hoje:

Meu nome é desgosto

na boca do povo

Sou louco, sou Outro

– Estou morto

pelo olhar torto

de não aceitação.

Descobri agora  
a vontade de Pandora  
Que guardou a esperada aliança  
entre o cidadão.  
Digo: Virei Morto-vivo  
Resta-me, subversivo  
Tornar o irreconhecível  
Possível  
E este novo corpo,  
de alterada idade,  
(Re)Descobrir.

AUTORIA: HELENA FRANCISCA MOLINARI GONÇALVES